



BARAÚNA, Fabiano. FERRACINI, Renato. LEAL, Diego Batista. LEMOS, Rafael. MIZUTANI, Luciana. PÉCLAT, Chavannes. SILVA, Michele. YAMAMOTO, Karina. ZOTTIS, Giovanna. **VIXI, parece que caiu - Pesquisar, criar, ensinar arte em um mundo pandêmico.** Pesquisadores Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP, Nível Mestrado e Doutorado; Orientadoras(es): Isa Etel Kopelman, Mariana Baruco Machado Andraus. e Renato Ferracini.

VIXI, PARECE QUE CAIU - PESQUISAR, CRIAR, ENSINAR ARTE EM UM MUNDO PANDÊMICO

Fabiano Baraúna
Renato Ferracini
Diego Batista Leal
Rafael Lemos
Luciana Mizutani
Chavannes Péclat
Michele Silva
Karina Yamamoto
Giovanna Zottis

RESUMO

Com o intuito de problematizar o ensino e a pesquisa universitária na área das artes presenciais, a mesa buscou refletir sobre como lidar com a pesquisa acadêmica no contexto de pandemia em que vivemos. Assim levantamos alguns pontos: pensar em como conectar-se com essa época de instabilidade política tentando ao mesmo tempo manter a sanidade; refletir sobre qual a função da arte em meio a violações de princípios básicos de dignidade da vida humana; e buscar perscrutar quais os saberes da arte que podem lançar gotas de inteligibilidade, afetividade e sensibilidade nos caminhos das pesquisadoras e pesquisadores em meio à uma crise sanitária global e aos acontecimentos políticos e sociais que atualmente estão em curso no país e no mundo.

Palavras-chave:

*Pandemia. Pesquisa
Acadêmica. Teatro.
Dança. Performance.*

ABSTRACT

In order to problematize teaching and university research in the field of presential arts, the panel sought to reflect on how to deal with academic research in the context of the pandemic in which we are living. So we raised some subjects, which are: to think about how to connect with the ongoing moment of political instability while trying to maintain sanity; reflect on the role of art amidst violations of basic principles of human life dignity; and, seek to investigate which knowledges art can cast drops of intelligibility, affectivity and sensitivity in the paths of researchers in the midst of a global health crisis and the political and social events that are currently underway in the country and in the world.

Keywords:

Pandemic. Academic research. Drama. Dance. Performance.

Introdução

A mesa teve início com a reprodução de um vídeo. Este, surgiu de uma conversa do grupo de pesquisa de orientandos dos Prof. Dr. Renato Ferracini que colocava em xeque a produtividade exigida por diferentes esferas da vida, seja nos trabalhos, no universo acadêmico e nas demandas domésticas. Assim decidimos trazer depoimentos individuais, que versavam sobre como cada um se sentia em relação à pandemia, e como cada pesquisa caminhava (ou não) durante esse período. Cada integrante fez um áudio depoimento, produziu ou selecionou fotos e vídeos que refletiam a questão: “O que é ser pesquisadora/perquisador/artista na pandemia?” Essas imagens foram editadas por Karina Yamamoto, também integrante da mesa. Durante o processo de inscrição para este Compartilhamento Temático, se juntaram ao grupo de pesquisa o doutorando Diego Batista Leal e o mestrando Rafael Lemos que também tiveram participações no vídeo.

O seminário contou com recursos de acessibilidade: Juliana Fernandes (Libras) e Daniela Forchetti (audiodescrição).

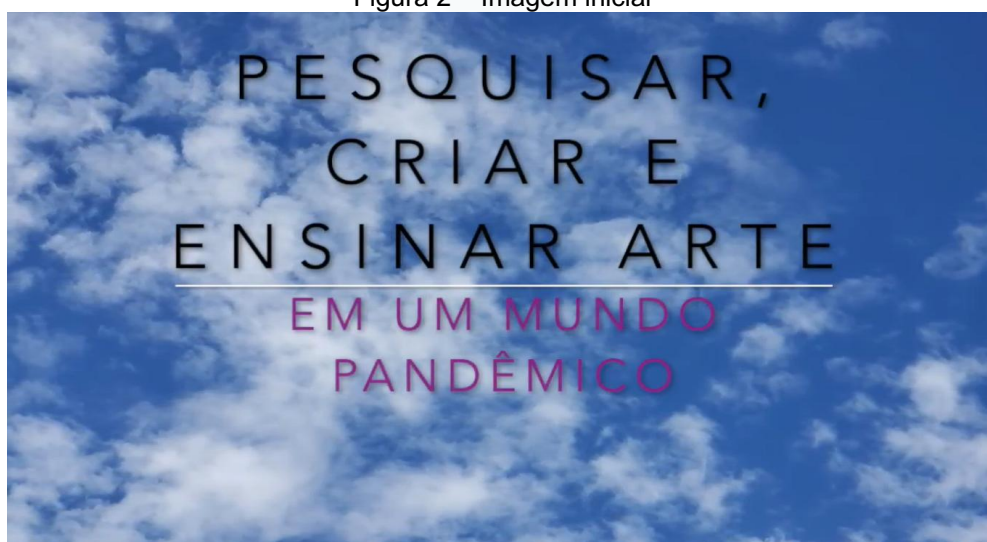
VÍDEO

Figura 1 – Vixi, parece que caiu...



Fonte: *Print screen* do vídeo, 2020.

Figura 2 – Imagem inicial



Fonte: *Print screen* do vídeo, 2020.

Iniciamos nossa apresentação com a exibição do vídeo intitulado “Vixi, parece que caiu...- Pesquisar criar ensinar arte em um mundo pandêmico” misturando as vozes das pesquisadoras e pesquisadores que compuseram este compartilhamento. (Link do vídeo completo deste compartilhamento: <https://www.youtube.com/watch?v=ChAcmSc0JYo&t=2s>). Segue a transcrição literal do áudio do vídeo:

“Brasil, 2020.

Como falar de pesquisa durante a pandemia? Nesse período de isolamento e pandemia. Paralisei. Vou aproveitar que eu vou ter que ficar em casa e aí a pesquisa vai andar. Cancelar todos os eventos, todas as apresentações, todos os ensaios, todas as visitas.

17 de março, uma morte.

Confesso que paralisei. Oi, aprende essa plataforma, adapta esse conteúdo para virtualidade. Vamos, vamos, vamos! Vamos ter três meses a mais para terminar a pós. Nos primeiros três meses eu não consegui produzir uma linha para o mestrado sem saber por quanto tempo, o que escrever e por que escrever. Eles não sabem. E nesse fluxo de cancelamento, cancelar a possibilidade de realização do trabalho prático de um coletivo de dança que trabalha na rua. Mas esses três meses acabaram e eu ainda não tinha entendido como sobreviver de maneira sã ao que estava acontecendo.

24 de março, 46 mortes.

Paralisei diante da atual pandemia, crise política, social, sanitária, econômica e humana que vivemos. Como é que eu consigo unir pesquisa e criação de filhos no meio da pandemia? Eles não sabem. Não parei até pelo fato do trabalho, sou policial militar do Estado do Amazonas, estou na linha de frente desde o início e, conseqüentemente, dentro de alguns trabalhos, vim aí a positivar o Covid.

31 de março 201 mortes.

Paralisei diante de tudo isso. Não consigo estudar, eu penso muito e não consigo sentar para escrever porque não tenho tempo para sentar para escrever. Essa gravação, por exemplo, eu tenho que fazer às 10 horas da noite porque não dá tempo de fazer durante o dia. Diante das notícias, dos prognósticos de longa duração, das medidas de isolamento que, entre outras coisas, nos colocam sem perspectivas palpáveis como trabalhadores da cultura. Isolamento social. O que significa mesmo isolamento social para quem é artista da cena, da presença, do encontro social coletivo? Dolores na pandemia. Sonhos de trabalhos interrompidos.

4ª semana, 7 de abril, 667 mortes.

Eis aqui uma palhaça em meio a pandemia, com seu nariz vermelho guardado chateado em uma caixa, só lá de vez em quando aparece. Eu estou em

quarentena solo, agora tudo é tela. Timidamente, contida, mediada, às vezes sorri para o olho máquina que apenas olha sem se deixar ver. Eles não sabem. Então eu passei a desenvolver uma certa aversão às telas, dependendo da coisa começava a me dar uma batadeira, não conseguia ficar sentada na frente do computador, celular ou televisão.

5ª semana, 14 de abril, 1.532 mortes.

O vírus me obrigou a reorganizar o objeto de pesquisa do mestrado, a redefinir as linhas para continuidade do relatório para qualificação. E foi o único momento em que eu fiquei isolado, passei 21 dias, e nesses 21 dias eu pensava que eu poderia produzir, mas eu não consegui... não consegui.

6ª semana, 21 de abril, 2.741 mortes.

Um deles fala: eu iria fazer pesquisa de campo com senhores idosos com berrantes. O que eu faço, Renato?

7ª semana, 28 de abril, 5.017 mortes.

Outra, iria fazer espetáculo de Clown (palhaço). O que eu faço, Renato?

8ª semana. 5 de maio. 7.921 mortes.

Outra, no canto da tela declara estar perdida! O que eu faço, Renato?

9ª semana, 12 de maio, 12.400 mortes.

A do meio, com duas crianças no colo, ri um sorriso nervoso. O que eu faço, Renato?

10ª semana, 19 de maio, 17.971 mortes.

Sorri imaginando quem a verá, ou sorri ao ver amigas palhaça de quem sente muita falta. Estão todas presas em janelinhas quadriculadas na tela. Como seguir? Então, respondo: silêncio.

11ª semana, 26 de maio, 24.512 mortes.

Dolores também chora suas dores, se descabela, canta. Pula o muro para pegar jabuticabas, ela não quer telas. Eles não sabem. Para ela, nada substitui a presença, às vezes ela cede. Mas o silêncio somente aumenta o choro, a inanição de ação. Tem sede de relação. Paralisei diante das mortes, dos números, que não são números. Do abandono por parte do poder público, dos horrores que nos cercam dessa política. Não dá tempo de ver notícias, quando eu vejo, eu fico mais infeliz,

então, às vezes, eu dou até “pausa” nas notícias. Eles não sabem. Mas é isso, não há o que fazer.

12ª semana, 02 de junho, 31.199 mortes.

Pesquisei, acho que deve ser resposta ao mundo político. O mundo político me dá náusea, ânsia, nojo, raiva, desespero, tristeza. Eu acho que não vou dar conta, me falta estômago. O livro que eu estava lendo, eu estava em um ritmo bem legal, não consegui terminar, parei de ler, ficou pela metade. Muito complexo. Eles não sabem. Eu gravo algumas ideias que eu tenho e elas estão virando um acúmulo de ideias sem revisão, eu não sei se elas vão servir para alguma coisa, se um dia eu vou conseguir sentar para ver se elas servirão para alguma coisa. Afinal, como orientador desses trabalhos, preciso transformar, de alguma forma, lágrimas em escritas coerentes, mesmo sem saber, não tendo a mínima ideia do que isso significa.

13ª semana, 9 de junho, 38.436 mortes.

Então, eu tenho em uma mão algo que eu sei que faz sentido, mas que eu não estou dando conta, e na outra mão talvez pesquisar algo que eu dê conta, mas que por outro lado não sei se eu vejo sentido. Tarefa difícil essa, de ter que ser o que não se é, uma espécie de devir-marcha-ré, sim, devir-marcha-ré nem Deleuze inventou, são esses tempos que inventaram.

14ª semana, 16 de junho, 45.201 mortes.

E tudo isso com *deadline* para atualizar o lattes e preencher o relatório de produtividade. Para não dizer que não estou pesquisando, eu tentei me obrigar a ler um pouquinho por dia, mas dificilmente eu consigo passar de 10 ou 15 páginas. Eles não sabem. E logo em uma pandemia, eu simplesmente parei. Parei de ler, parei de escrever, parei até de fazer os meus fichamentos. Quando foi isso, eu não sei, não lembro. Aconteceu. Eles não sabem.

15ª semana, 23 de junho, 52.645 mortes.

E eu penso diariamente quando eu vou deitar que amanhã eu vou conseguir sentar e ler um pouco, mas eu não consigo. Eles não sabem. Formulário de produtividade: Eu não produzi nada; Não fui em nenhum congresso; Não fiz nenhuma apresentação; Nenhum seminário; Nenhuma publicação; Nada. Eu não produzi nada. Como assim eu não produzi nada? Eles não sabem que eu estou tão perdido como eles.

16ª semana, 30 de junho, 59.594 mortes.

Durante a quarentena faleceu meu tio, irmão da minha mãe, e a minha avó, também mãe da minha mãe. Não foi Covid, mas ainda assim, eu não pude me despedir. E em meio a esse turbilhão o meu pai, já idoso, ficou sabendo que ele precisa ser submetido a uma cirurgia cardíaca. Do Boi-Bumbá Caprichoso, ou do Boi-Bumbá Garantido, essas pessoas, muitas delas, já estão na terceira idade, são pessoas idosas, são do grupo de risco, e algumas delas vieram a falecer, para minha tristeza. Quando as pessoas me ligam, geralmente é pra contar de tragédias, não vejo muita coisa boa acontecendo na vida das pessoas.

17ª semana, 7 de julho, 66.741 mortes.

Eles não sabem que eu estou tão perdido como eles. Eu já acordo cansada, eu... eu passo o dia tentando dar conta de todas as urgências que acontecem por causa da vida cotidiana e ordinária de uma casa com duas crianças, e eu termino o dia mais cansada. Eu pensei várias coisas durante o dia que eu não consegui escrever, então elas se perdem. Trabalho também é uma das minhas preocupações agora, mesmo que eu - ainda bem - não tenha que me preocupar com comida no curto prazo, com esse alongamento da quarentena, eu não sei se as empresas onde eu trabalho, os lugares onde eu trabalho, vão ficar abertos para ver o final da pandemia, se esses lugares vão sobreviver. Mostro uma força que não tenho, finjo ter ideias que não tive, mostro saber o que não sei.

18ª semana, 14 de julho, 74.133 mortes.

Eu tenho um computador no *laptop* HP 2008, que é mais velho que meu filho que tem 12 anos, tenho Windows 2007 e a minha internet tem 15 mega. A minha experiência de teleconferência é precária, minha internet cai, e o meu computador, a ventoinha faz tanto barulho que o vibrátil é quando a mesa vibra e o computador parece que vai decolar. Veio o Covid, fui positivado, saí, voltei a trabalhar, vou para rua, volto para casa, abro o computador, as coisas saem muito frágeis, e estagnou. O que fazemos, Renato?

19ª semana, 21 de julho, 81.487 mortes.

Eu não tenho tempo para criar novas receitas, para tirar fotos, para sentir tédio/produtivo/ocioso/artístico, eu não tenho tempo para nada disso. Daí a noite quando eu penso em estudar, quando eu vejo eu estou sentada comendo chocolate,

e olhando pra parede ou alguma coisa qualquer, porque eu não consigo elaborar um pensamento contínuo, e é por isso que eu gravei esse áudio em que nada acontece. Nada acontece. Os dias são iguais. “É a atitude de repetir que nos faz mudar”, foi esse momento que eu parei nesse livro. Que é algo que eu vejo muito na minha futura pesquisa, mas eu não sei porque que eu parei. O que fazemos, Renato?

20ª semana, 28 de julho, 88.539 mortes.

“Quarentena” e “dormir” são duas palavras que não aparecem juntas numa mesma frase na minha experiência de quarentena. A não ser que sejam ligadas por um “não”. Se as pessoas com quem eu trabalho estão recebendo, e vão continuar recebendo até terminado isso, ou se elas vão ser obrigadas a procurar algum outro subemprego, enfim... marcamos encontros semanais. Quem sabe se a cada semana cada um ver o nada do outro estimule tudo. Peço para ler um texto que eu nem lembro qual foi. Não precisa lembrar disso, há coisas mais importantes para lembrar.

21ª semana, 4 de agosto, 95.819 mortes.

Eu acordo trabalhando e eu vou dormir trabalhando, faz seis meses. Eu não quero que os poucos lugares que restaram ainda, nos quais eu trabalho, fechem. Outra grande tarefa - isso somado ao trabalho - transferir todos os conteúdos de aula presencial para aulas virtuais. Transferir todas as reuniões e os encontros, para esse ambiente virtual. Tô tentando organizar o que eu tenho, de vida, mas seria esse momento de estar estagnado, por uma série de situações.

22ª semana, 11 de agosto, 103.026 mortes.

A reunião acaba, vou até o quarto em silêncio, meu filho aparece e pergunta: Papai, o que foi? Entrou um cisco no meu olho, filho. Mas nos dois? Sim, nos dois.

23ª semana, 18 de agosto, 109.888 mortes.

Eu, o que no fundo, é essa pandemia, lendo, o que a gente escuta, o que a gente sabe sobre o Covid, mas eu não tô conseguindo descobrir aonde é que vou encontrar algo de bom nela, não estou. Paralisei, e ainda paraliso. Por isso, a minha qualificação se faz com pedido de adiamento, no limite do prazo concedido pela universidade, com tantos capítulos incompletos. Eu paralisei. É complicado, é bem complexo mesmo dizer porque eu estagnei em certos momentos. Porque em alguns momentos eu estava tão ativo.

24ª semana, 25 de agosto, 116.580 mortes.

Eu não sei o porquê eu estagnei até o momento, mas eu sei de uma coisa: nessas duas semanas, agora, eu sinto que eu tô retornando, não como eu gostaria, mas estou retornando; e aquelas ações que eram ativas no início, estão começando a fervilhar, a dar passos mais cadenciados. É o que eu espero, mas eu tô deixando meu corpo, nesse momento, dar uma relaxada, se levar, ir mais tranquilo, deixar ele no momento dele, nesse instante. E é isso. Não tem como escrever algo para dizer o que eu tô sentindo no momento, é isso mesmo. (silêncio).

30ª semana, 6 de outubro de 2020, 146.908 mortes.”

COFFEE BREAK

Figura 3 – Coffee Break



Fonte: Print screen do vídeo, *coffee break*, 2020.

Na busca pelas partes boas da nova normalidade, gostaríamos de convidar a todas, todes e todos para se juntarem a nós em nosso já conhecido *Coffee Break*, sintam-se à vontade para pegarem as suas comidinhas delícias e “simbora” pro café. Temos respeitado as regras de higienização e distanciamento propostas pela Organização Mundial da Saúde e...

(Som externo de um dos participantes invade a transmissão) “Alô, alô vizinhança vai passando na sua rua o carro do feminismo, o político é também pessoal! (♪♪♪) Ser um homem feminino não fere o seu lado masculino. Se deus é menina e menino, nós somos masculino e feminino ♪♪♪) Fê, Fê, Feminismo. É o

carro do feminismo que vai passando na sua rua. Salve Seu Pedro, você não nasceu agressivo. Seu Moacir saiba que ao invés de atacar, sua Masculinidade pode cuidar’, ‘O seu João, já cozinhou feijão?’, ‘O seu moço já fez o almoço? Não sabe? Tá na hora de aprender, Dona Jurerê não nasceu pra fazer comida procê.’ 🎵🎵🎵”

Como estava dizendo, todas, todes e todos respeitamos as regras de higienização e distanciamento propostas pela Organização Mundial da Saúde.

Depois desse momento abrimos para o nosso “amigo secreto de perguntas” onde cada um elaborou uma pergunta para seu amigo secreto, esse bloco também pode ser chamado vulgarmente de bloco da entrevista.

AMIGO SECRETO DE PERGUNTAS

Figura 4 – Karina Yamamoto pergunta para Fabiano Baraúna.



Fonte: Print screen do vídeo, 2020.

KARINA YAMAMOTO - Baraúna, a gente sabe que você está lidando com duas interfaces sociais, e elas são dicotômicas: você é policial e você é brincante. Várias vezes você já nos falou que aqui na Unicamp você está como brincante. No entanto, com a pandemia, o seu trabalho como policial se intensificou, e foi trabalhando inclusive, que você contraiu Covid-19. A minha questão é: como o brincante está lidando com sua pesquisa neste momento em que o policial é mais requisitado? Como Baraúna, você, Fabiano, lida com as mortes de seus mestres e mestras?

FABIANO BARAÚNA - Além da pandemia, é o trabalho que exerço. Por muitas vezes eu já me perguntei se essa dualidade existe ou não, e não tenho essa resposta ainda. Trabalho como militar há quase 15 anos, e há 10 anos, artisticamente falando. Eu não consigo diferenciar se existe ou não essas duas pessoas. Existem as responsabilidades. Não paramos, como estamos na linha de frente, existe uma série de fatores profissionais. A única vez que eu parei, foi quando contrái o Covid. Fiquei 21 dias em casa. Eu achava que poderia “render” e acabei “não rendendo”. Voltei a trabalhar. Estou trabalhando. Cheguei agora correndo, fiquei até meio-dia no trabalho. Quando a Karina pergunta como o brincante está lidando com a pesquisa... Infelizmente nós tivemos várias pessoas na cidade de Parintins - que é bem no final do Rio Amazonas, estamos na fronteira com o Pará - vários artistas que poderiam me ajudar, vieram a falecer devido complicações do Covid. Evitei de realizar as entrevistas pessoalmente. Via internet não tinha condições pela falta de estrutura que temos com essa tecnologia. Estamos em estado de isolamento, toque de recolher: 8 horas da noite nada pode ficar aberto, o povo tem que ficar em casa. E nós, como militares, temos que ir para as ruas, ver se está tudo ok, tentar conscientizar as pessoas que estão nas ruas para irem para as suas casas. Não se abre bares, balneários e nem praia, depois que os casos aumentaram. Estamos há duas semanas dessa forma. Estou tentando me readaptar, por mais que eu tente, não consigo produzir. O trabalho como militar se intensificou muito e o trabalho artístico está estagnado, parado. A única coisa que consegui fazer com um amigo, foram projetos para o futuro. Ele veio para a cidade onde estou com equipamento de áudio e vídeo, e conseguimos conversar com algumas pessoas para participarem das entrevistas. Conseguimos realizar algumas, com algumas pessoas. Foi o que consegui fazer em meio a pandemia, uma semana de produção, e parou de novo. O brincante está parado, não temos eventos do Boi-Bumbá. Toda aquela rotina que tínhamos na cidade referente aos bois, escolhas das toadas, tema para o festival, está tudo parado.

Referente aos mestres e mestras dos Bois-Bumbás, infelizmente, cada um que se vai, é uma dor no coração de todo brincante que acompanha o Boi-Bumbá e que acompanham os artistas que estão há décadas trabalhando, elevando o nome do Boi-Bumbá de Parintins. Para não deixar a memória desses artistas se apagar, nos resta realizar a pesquisa com familiares e artistas. Agora não tem como, devido ao

aumento da pandemia. Aqui no hospital temos 60 leitos e 57 pessoas internadas, é muito complicado isso. Durante o dia ainda vemos muita gente nas ruas. No contexto geral, a produção está mínima, caminhando devagar.

Figura 5 – Fabiano Baraúna pergunta para Michele Silva.



Fonte: Print screen do vídeo, 2020.

FABIANO BARAÚNA - Mi, percebo que no momento atual você está interligada com tudo ao seu redor. Nos áudios que ouvi parece que você está no olho de um tornado, tudo está atravessando seu corpo isolado, deixando ruínas, mas também vejo você juntando e mastigando tudo isso de alguma forma, seus sentidos e sentimentos e, imersa no contexto atual, você percebe todos esses movimentos que estão em ruínas? Como você poderia fazer o diálogo, se é que existe alguma possibilidade, entre as ruínas de agora e as ruínas da sua pesquisa, ou seja, as ruínas físicas com as ruínas pandêmicas? Você está olhando para isso enquanto material de pesquisa? Seu trabalho é com as ruínas residenciais e, ao mesmo tempo em que você olha e sente cria partituras corporais. Agora, em isolamento, você pretende cartografar esses movimentos que estão a todo tempo ao seu redor?

MICHELE SILVA - Quando o Fabiano perguntou se eu percebia o quanto ficava explícito na minha fala e cotidiano as interligações dos acontecimentos atuais, o respondi que não percebia. Parei para refletir sobre os questionamentos e me dei conta de que, de tão expostos, óbvios e evidentes, eu não notava os atravessamentos. A avalanche de alterações está sendo tamanha que as necessidades do dia a dia demandam toda a atenção, tornando difícil a reflexão no tempo presente. Ponderando

sobre os assuntos notei a invisibilidade, por assim dizer, de aspectos muito cotidianos e ordinários, que acabam passando despercebidamente. O paradoxo da invisibilidade do absolutamente visível, nítido. Refletindo sobre esse paradoxo fiz a relação do trabalho de dança que desenvolvo nos ambientes de demolição de casas, que na pesquisa denomino por ruínas. Esses espaços são muito comuns e abundantes na malha urbana, interligam tantas instâncias da cidade que me espanta constatar o quão “invisíveis” eles parecem estar no cotidiano, e como já foram naturalizados e incorporados sem estranhamento. Agora, que precisamos ficar em isolamento dentro das nossas próprias casas, vejo o desafio que é ter que lidar com o que está sendo o “novo comum”. Quais os riscos em se naturalizar a vivência à distância, mediada por plataformas de comunicação digital geridas por grandes empresas de tecnologia que, colocando de modo sintético, regulam e possibilitam esse “novo comum”?

Sinto falta, e imagino que muitas pessoas também sentem, de estar nas ruas, de ir a um parque, de encontrar as pessoas. A impossibilidade do encontro presencial, coletivo e a restrição da casa como o lugar onde tudo acontece. A casa, o lar, a moradia, para a pesquisa que desenvolvo são os sítios de demolição residencial (ruínas), logo, problematizar o campo da habitação faz parte do meu cotidiano investigativo, entretanto, durante a pandemia a problematização do espaço casa tomou outros contornos. De fato, ainda não há delineamento, estou tateando perspectivas.

Como a pandemia se relaciona com a pesquisa?

Considero importantes alguns aspectos e o primeiro é desnaturalizar as relações que temos com os ambientes, especialmente o doméstico. A pandemia trouxe a possibilidade da desnaturalização do cotidiano, do ambiente doméstico, das relações domésticas. Como é ter o lar como espaço para tudo: trabalho em casa, escola em casa, ensaios em casa, aulas práticas em casa (dança, *kung fu*, *yoga*), e tudo mediado por plataformas digitais, todo o fora (relevos, pessoas, cheiros, encontros) contido em telas planas e retangulares. Esse tipo de experiência está sendo comum para muitas pessoas ao redor do mundo.

Concluo com a ardência da sensação de “ruína” que é estar dentro de casa, em isolamento, e olhar pelas telas dos celulares e computadores a Amazônia e o Pantanal em chamas. Tem sido uma experiência de impotência enlouquecedora.

Figura 6 – Michele Silva pergunta para Renato Ferracini.



Fonte: *Print screen* do vídeo, 2020.

MICHELE SILVA - Durante a pandemia, temos diversas outras responsabilidades em nosso cotidiano. Você é ator, professor, pesquisador, presidente, orientador e pai. Atualmente precisa ser também professor para o seu filho e sabemos sobre suas preferências filosóficas. Sendo assim, como é transpor, supondo que essas éticas estão em todas as relações-Renato, conceitos “foucaultianos”, “deleuzianos”, “guattarinianos” - para a perspectiva de uma criança de 8 anos? (Ele tem 8 anos, certo?). E como tem sido o rizoma “dilatação do campo educacional do Martin” na esfera da relação do Renato profissional e doméstico?

RENATO FERRACINI - Eu tenho um filho de oito anos passando a pandemia comigo. A escola que ele está matriculado, eu poderia dizer, é uma escola potente e que se utiliza de um processo pedagógico construtivista. Especificamente nessa escola todo o processo educacional e pedagógico está baseado nas relações sociais e humanas. Isso significa que as crianças aprendem a partir da construção efetiva de seus próprios processos relacionais; aprendem a partir da sociabilidade, partilha e relação entre crianças, adultos e familiares. Ora, como proceder esse processo pedagógico em um momento pandêmico no qual a vida depende de distanciamento social? Como realizar a educação fundamental nessa escola sem o

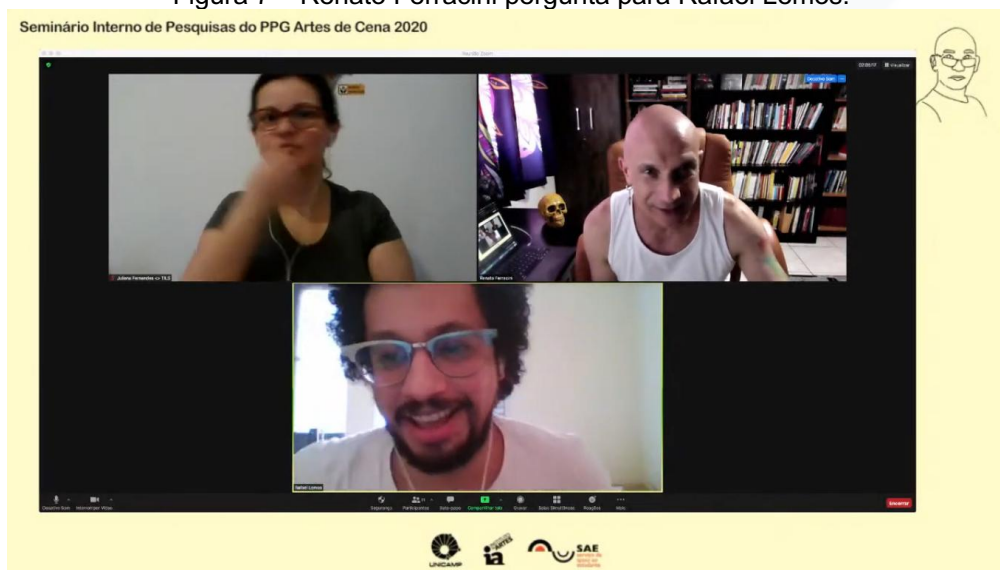
fundamento pedagógico relacional? O drama da escola de meu filho é justamente o drama de todos nós. A pergunta é: como se resolve essa questão? Como prosseguir sem o chão que embasa nosso caminho de trabalho, de pesquisa, de pedagogia, de educação, de ética de vida? Claro que, qualquer um que não seja negacionista e necropolítico como o atual governo, vai buscar aprender a construir outro chão a partir das novas relações com a vida e pela vida que a pandemia nos coloca.

A Michele em sua pergunta falou de várias referências como Deleuze, Foucault, rizoma, e muitas relações filosóficas. Claro que sem desmerecer todas essas referências e conceitos importantes para o pensamento filosófico ocidental e mesmo para a área das artes presenciais, é bom constatar que Deleuze, Foucault, Guattari e muitos outros nunca passaram por uma pandemia. Claro que seria uma especulação barata pensar quais os conceitos que esses pensadores criariam para pensar o atual momento do Brasil e do mundo. Mas talvez nós, vivos e viventes desse estado de coisas atual, possamos atribuir um certo devir-marcha-ré não só atribuído à pandemia, mas principalmente ao momento político caótico e sem rumo atual no Brasil. Esse devir-marcha-ré nos leva a uma necessidade premente de um “reaprender a viver”. Eu precisei reaprender e viver com meus orientandos quando eles chegaram pra mim e disseram: eu não sei o que fazer... e eu também não sabia. Precisei reaprender a viver quando meu filho diz que não sabe ler, e eu não sabia fazer uma criança ler. Precisei reaprender a viver quando meu filho diz que não sabe o que é divisão e nem metade. Talvez seja mais fácil entender o conceito de Corpo-Sem-Órgãos de Artaud, reanimado por Deleuze, do que fazer uma criança entender o conceito de metade. Parece um conceito óbvio: metade. Mas como explicar essa abstração? Parece um reaprender a viver banal: ensinar o que é metade para uma criança de sete anos. Mas quando falo “reaprender a viver”, não digo no sentido macroscópico do termo ou em seu sentido orgânico, macropolítico ou macro conceitual; mas esse “reaprender a viver” passa por esses mínimos, está nessas filigranas, nessas pequenas ações cotidianas. Acreditam ser de Michelangelo a frase “detalhes fazem a perfeição”. Parafraseando esse pensamento poderíamos dizer que são esses detalhes que estão no foco do “reaprender a viver”.

Então, talvez, a grande palavra desse momento histórico, pandêmico e político seja aprendizagem. Mas não a aprendizagem lugar comum que conhecemos

e que acontece suavemente no tempo e no espaço, mas uma aprendizagem forçada, desviante, vital, necessária que acontece nos detalhes e nas pequenas ações cotidianas, numa constante necessidade de reestruturação diária em todos os níveis. Sendo bem pouco acadêmico: somos enrabados pela aprendizagem nessa pandemia e nesse caos político. A pandemia faz com que a aprendizagem nos enraube, quer você queira ou não.

Figura 7 – Renato Ferracini pergunta para Rafael Lemos.



Fonte: Print screen do vídeo, 2020.

RENATO FERRACINI - Teve algum momento nessa pandemia em que você chorou?

RAFAEL LEMOS - Passei por um momento em que chorei de desespero e também de alívio.

O choro de desespero: em março, estava fazendo pesquisa de campo na Índia. Estudo o *Bharatanatyam*, estilo da dança do estado de *Tamil Nadu*, região sul daquele país. Sem bolsa de pesquisa, arcando com os custos da viagem com recursos próprios, passei o ano todo de 2019 no planejamento do período em que ficaria em imersão estudando em uma instituição de Dança Clássica Indiana. Ficaria estudando de janeiro à abril, conversaria com pessoas ligadas a dança e compraria livros importantes para a pesquisa.

No início de março observava as notícias do Brasil e do Mundo. O alerta da pandemia já havia sido dado, via vídeos nas redes sociais de uma colega bailarina

que mora na China. Mas parecia que ao meu redor não havia nada com que me preocupar. Acordava, comia no café da manhã uma Dosa, prato típico do sul da Índia, e ia para as aulas. Tentava ver notícias sobre a Covid-19 no *The Hindu*, jornal da cidade de Chennai. Poucas informações. Um grupo de *whatsapp* com brasileiros que conheci durante o voo, algumas conversas sobre, mas ninguém em pânico. Aparentemente não havia motivos para me preocupar.

No dia 17 de março de 2020, terça-feira, as aulas foram suspensas. No fim da tarde, caminho pelas ruas do bairro de *Besant Nagar*, a vida seguia seu fluxo. Na Índia superpopulosa, aglomerações são quase inevitáveis. Uma ou outra pessoa usando máscara. No dia seguinte, quarta-feira, 18 de março, um dia inteiro dentro de casa.

Na quinta-feira, 19 de março, na página oficial do Facebook da Embaixada Brasileira na Índia uma nota: “Recomenda-se a todos os cidadãos brasileiros na Índia que deixem o país, o quanto antes”. A *Kalakshetra Foundation*, tradicional escola de artes da Índia, situada no mesmo bairro em que estava hospedado, faz uma transmissão on-line das apresentações de seus alunos, fechada ao público presencial, por motivos de segurança. Assisto a transmissão, mas não consigo prestar atenção, aflito com a situação. Após as apresentações, fico sabendo por colegas que os alunos da *Kalakshetra* que moravam no campus estavam sendo orientados a voltarem para suas cidades de origem. Procuro na internet informações, sites oficiais e nos sites de notícias da Índia alguma informação oficial sobre o que estava acontecendo. Encontrei informações esparsas e contraditórias.

Sendo assim, remarco meu retorno para dali uma semana, o motivo: daria tempo de comprar alguns livros que precisava trazer para o Brasil e para finalizar o aprendizado de coreografias. Estava calculando uma semana para tudo, teria que ser ágil, mas daria pra tratar dos afazeres com uma certa calma. Parecia razoável. Comunico a família, ligo para a empresa aérea e faço a troca. Assunto encerrado.

Mais tarde, no grupo de *whatsapp* dos brasileiros na Índia, uma colega avisa que conversou com um funcionário da embaixada que confirmou a ela que o espaço aéreo indiano seria fechado no próximo domingo e, segundo eles, não haveria garantia de quando seria reaberto. Entro em desespero e ligo para a embaixada que me confirma: “saia da Índia o quanto antes”.

Começa então uma sequência interminável de ligações para a companhia aérea para remarcar novamente uma passagem de volta para o Brasil. Cada ligação durava mais ou menos 90 minutos, sendo mais de uma hora e dez minutos de espera. O desespero aumenta. Minha família no Brasil também tenta buscar uma solução, mas não consegue remarcar nada, nem comprar pela internet.

Na primeira tentativa, depois de 90 minutos, a ligação cai.

Segunda tentativa, mais 90 minutos. A ligação cai novamente.

Terceira tentativa, o atendente com inglês sofrível, me atende. O valor da taxa dobrou. Na hora do pagamento o cartão de crédito não é aceito.

Alguém na família me empresta um cartão, quarta tentativa. 90 minutos. A ligação cai.

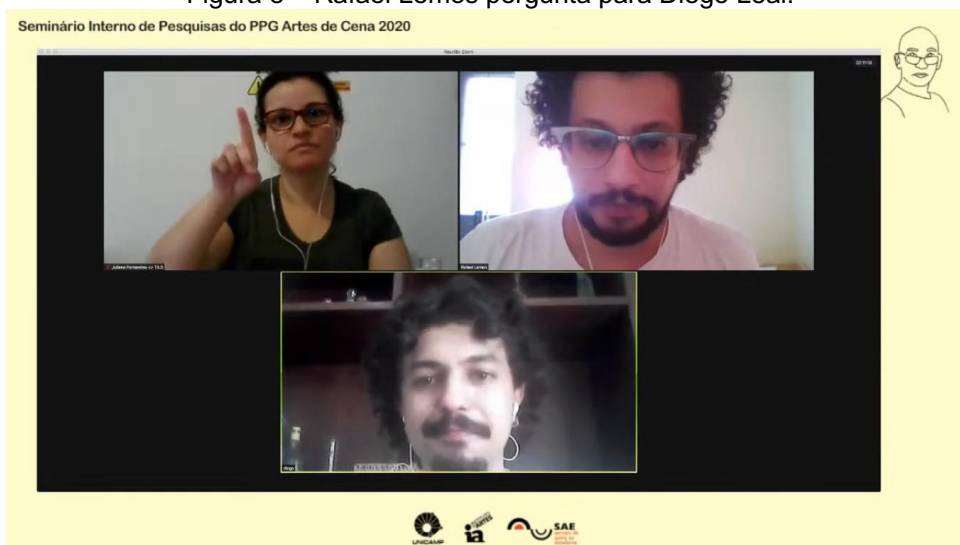
Assim a noite toda. Já tinha decorado e amaldiçoado a música de espera da companhia aérea. Passei a noite pendurado no telefone e não consegui remarcar nada. Choro de cansaço e desespero.

Já eram cerca de dez horas da manhã de sexta-feira. Sem dormir e desesperado, vou até a senhora que aluga o quarto onde fiquei. Pergunto se tem um amigo, conhecido que saiba de uma agência de viagens que possa me ajudar. Ela consegue um contato de uma agência. Forço ao máximo a minha concentração para entender o inglês daquele senhor cuja língua materna é o Tâmil. Há uma passagem. Para o mesmo dia, sexta à noite. Escala em Dubai. Preço exorbitante. A família se ajeita: cartão de crédito emprestado, quando chegar faz empréstimo no banco, divide em x vezes e vai pagando. Também tenta o reembolso da passagem da semana que vem. Só venha embora logo.

Compra confirmada. Ainda não consigo dormir. Começo a arrumar as coisas, avisar os professores, os colegas. Não terminei o estudo das coreografias, não comprei os livros que precisava. Comprei máscaras e potes álcool em gel de presente pra família. A noite, aeroporto. Lotado, filas imensas. Alguns passageiros com um ar meio desorientado. Não havia exigência de máscara, mas poucas pessoas no aeroporto não estavam usando. No painel, todos os voos domésticos foram cancelados. Pouquíssimos voos internacionais confirmados. Só na fila de *check-in* me lembro de fazer uma *selfie*. De máscara no aeroporto. Posto no *Stories* do *Instagram* com uma legenda: *Bye, Índia*.

Sento-me na poltrona do avião. Consigo respirar. O choro de alívio veio. Durmo, finalmente.

Figura 8 – Rafael Lemos pergunta para Diego Leal.



Fonte: *Print screen* do vídeo, 2020.

RAFAEL LEMOS - Teve algum momento de morte na sua pesquisa?

DIEGO LEAL - Agradeço ao Rafael pela pergunta e ao grupo de pesquisa por ter me recebido nesse compartilhamento, a Daniella e a Juliana que estão aqui com a gente. Bom, vou tentar responder, com relação a mortes de pessoas próximas, felizmente, não houve nenhuma. Mas claro que testemunhar esse contexto de tantas mortes é também assustador.

Acabei de ingressar no doutorado, sou orientando da professora Isa Kopelman. No mestrado eu realizei um processo de investigação cênica a partir da interlocução entre duas poéticas que abordam o universo da experiência erótica, na literatura e nas artes visuais, especificamente, alguns contos do poeta e escritor Péricles Prade e obras de narrativas visuais da artista multimeios Teresinha Soares.

Ambos são artistas contemporâneos que se debruçam em questões relacionadas ao erotismo, ao excesso e ao limite. Por excesso/limite não faço referência a algo somente da ordem do grandioso, o pouco/mínimo pode ter uma carga excessiva também. Percebo isso nas obras deles, mesmo nos procedimentos que adotam em suas composições.

Por exemplo, na brevidade dos contos do autor e nos desenhos feitos a partir de um único e mesmo traço, como no caso de uma série de serigrafias da artista, chamada “Eurótica” (1968).

Nas experimentações em laboratório busquei lidar com essa imaterialidade da palavra e da imagem narrativa, que no universo do erotismo tenta dar conta da materialidade da vida, como estímulo para criação de novos materiais poéticos em ação cênica. Como se procurando uma terceira margem com essas obras na linguagem da cena. Contudo, com a pandemia, ocorreu uma interrupção abrupta desse processo, já na sua fase de finalização, justamente no último semestre do mestrado.

Pretendia apresentar os resultados desse experimento na defesa, presencialmente, mas esse plano teve que ser descartado. Com isso, respondendo a pergunta do Rafael, acho que não houve um tipo de morte, mesmo que metafórica, o que acabou ocorrendo foi um processo de transformação da prática da pesquisa e uma transformação resultante de pressões externas a ela e incontornáveis também. Aí, ocorreu uma transformação que começa com a interrupção dos ensaios em março. Ainda, no momento que eu estava digerindo isso de que não seria possível continuar, por ser um momento de se preservar, enfim, convivemos com uma doença nova, somos muito vulneráveis. Aí, em abril ou maio, conversando com a Isa, ela deu a ideia de experimentar retomar fragmentos das cenas no ambiente doméstico, com câmera de celular, sem a pretensão *a priori* de fazer adaptação, mas com interesse em observar como seria possível jogar com esses materiais cênicos deslocando-os do espaço do laboratório pro espaço de casa.

Depois de experimentar fazer algumas gravações, comecei a perceber outras possibilidades de trato com essas cenas, de transformação delas e junto com uma amiga que trabalha com audiovisual produzimos um vídeo, um “curta-teatro”, adaptando alguns fragmentos das cenas com as quais eu vinha trabalhando antes da pandemia para um curta produzido dentro de casa, com uma única câmera e os recursos que dispúnhamos ali, como a iluminação e o figurino improvisados.

Então, esse momento interrupção, que limitou as possibilidades na reta final, por outro lado, levou a pesquisa para um outro lugar, transformou e fez surgir a possibilidade de outro tipo de experiência, um lugar outro que já não é mais teatro,

mas que ao mesmo tempo não deixa de dialogar e nos permitiu, especialmente, jogar com a aproximação entre a linguagem teatral e do audiovisual.

Esse processo é bastante recente, mas fico pensando como essa vivência da pesquisa numa situação de deslocamento e limite processual, causado por um contexto realmente de limite, de excesso de risco que nos vulnerabiliza, também estimulou um tipo de transformação que de algum jeito possibilitou/agenciou uma continuidade, mesmo que atravessada por precariedade e inacabamento, mas uma tentativa de seguir alguma forma. Bom, acho que é isso, pra quem tiver interesse em ver o vídeo, o título é “Amores de Mácula” e está no YouTube.

Figura 9 – Diego Leal pergunta para Chavannes Péclat.



Fonte: Print screen do vídeo, 2020.

DIEGO LEAL- "A excepcionalidade do momento atual nos exigiu muitas adaptações na vida cotidiana. Com relação à pesquisa, você teve que mudar estratégias? Se sim, quais, e como tem sido essas mudanças de planos?

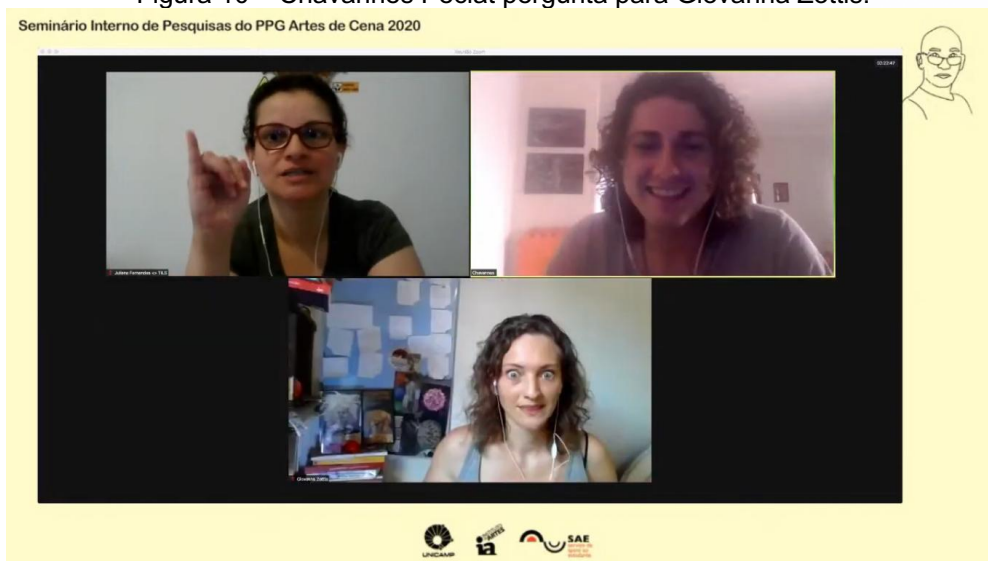
CHAVANNES PÉCLAT - Diego muito obrigado pela pergunta e se possível vou pedir para você ligar a sua câmera. Pra mim ainda é muito difícil falar apenas para buraquinho no meio da tela do meu computador. Então respondendo a sua pergunta: sim. A pesquisa, basicamente, se tornou outra. Eu ainda mantive a temática, mas a pesquisa de campo mudou totalmente. Antes da pandemia eu tinha a intenção de pesquisar o aboio e, portanto, tinha me planejado visitar o sertão da Paraíba, Pernambuco e Piauí para conviver com a prática do aboio e entrevistar alguns aboiadores dessas regiões. No entanto, a grande parte deles eram senhores idosos

que faziam parte do grupo de risco, logo, a começar daí, o campo já tinha se tornado impossível. Não dá para me expor e também arriscar a vida dos outros, isso não é uma atitude ética.

Na minha pesquisa estou lidando com a intersecção entre os estudos de gênero com foco nas masculinidades e a voz. Com isso, eu proponho investigar a possível contribuição das artes da cena em processos de desconstrução de subjetividades e vocalidades masculinas. Com a pandemia, a pesquisa de campo acabou se tornando um Laboratório de Práticas Vocais e Masculinidades que visa problematizar o modelo vigente de “homem” na sociedade contemporânea brasileira, buscando potencializar através da vivência artística e trabalho vocal, a construção de novas subjetividades e vocalidades masculinas acolhendo saberes e perspectivas que questionam o modelo patriarcal e hegemônico atual de ser e falar como homem. Além do Laboratório de Práticas Vocais e Masculinidades, estou realizando uma série de entrevistas com profissionais das artes da cena a respeito de temáticas que envolvem a produção vocal e artística nas artes da cena e as relações de gênero.

O laboratório ainda não foi realizado e está previsto que aconteça no primeiro semestre de 2021. Gostaria muito que fosse um laboratório presencial, todavia isso dependerá de como as coisas estarão. Tenho buscado planejar uma versão virtual e uma presencial, mas vejamos como tudo irá se proceder. Confesso que esse planejamento ainda tem sido feito de uma maneira bem lenta, pois a minha produtividade caiu bastante com a situação da pandemia, durante os primeiros meses não consegui escrever e sequer ler alguma coisa. O momento político também me afeta bastante, pois estamos sob o comando de um desgoverno liderado por uma figura farsesca que representa sem dúvida alguma um ideal de masculinidade frágil e violenta. Como não se afetar com as frases infames e autoritárias de Bolsonaro, como por exemplo, quando disse que só usa máscara quem é “viadinho”, ou que todos devem trabalhar pois a economia deve ser preservada. Como não se afetar quando o número de mortos só aumenta, e, ao contrário de nosso país, vemos na Nova Zelândia, a primeira ministra, Jacinda Ardern, lidar com a pandemia com toda a seriedade que a questão deve ser tratada. É isso espero ter respondido a pergunta. Muito obrigado.

Figura 10 – Chavannes Péclat pergunta para Giovanna Zottis.



Fonte: Print screen do vídeo, 2020.

CHAVANNES PÉCLAT – Gi, vivemos em um mundo rodeado de telas e máscaras, gostaria de saber como a menor máscara do mundo consegue rir e se permitir olhar e ser olhada?

GIOVANNA ZOTTIS – Obrigada, Chavannes, pela pergunta. É uma ótima pergunta. E a resposta é que eu não sei. Se tem algo que esse “nariz vermelho” me ensina é a assumir os fracassos e poder dizer que eu não sei.

A palhaçaria é um arquétipo bastante amplo, existem várias maneiras de se pensar a palhaçaria. Acredito que o “nariz vermelho”, ou a linguagem em si - mesmo que não utilize o nariz vermelho - segue tentando encontrar os seus caminhos. Mas essa palhaça aqui, paralisa. Eu venho pensando a linguagem sobretudo calcada na relação, no encontro, no afetar e se deixaram afetar, e, principalmente, na rua.

A minha pesquisa de mestrado chama-se: Nariz vermelho e a rua: uma permissão para olhar - procedimentos para aprofundamento e criação na linguagem da palhaçaria na relação com o espaço urbano, sob orientação de Renato Ferracini. A pesquisa estava dividida em quatro fases, que viraram cinco, e, em função da pandemia, foi interrompida na quarta fase. Agora, na proposta inicial, estaríamos com um espetáculo montado, o qual eu poderia analisar, tendo em vista a trajetória de sua montagem, sob a ótica da pesquisa. Quando isso não acontece, eu me sinto perdida,

fico sem saber por que escrever, para quê escrever, o que fazer, ou por que fazer. Não tenho a intenção de modificar o campo da pesquisa das ruas para as telas. A mediação via *internet* não é democrática como a rua, já que prescinde de uma série de equipamentos para que possamos conseguir um mínimo de interação. Éramos, em março, 12 palhaças e palhaços nesta pesquisa, 6 em Porto Alegre e 6 em Campinas.

Vou ler um trechinho de um poema que escrevi para a qualificação. Dolores é o nome da minha palhaça:

Dolores sente falta de coisas tão simples.
E tão bobas:
Estar em roda com outras palhaças na rua
Dar um abraço coletivo,
Dar um beijo na bochecha da palhaça ao seu lado
E ver esse beijo percorrer a roda todinha
Até chegar nela novamente
Sente falta de abraçar estranhas nas ruas
De se emocionar com suas histórias e seus olhares
De dançar, em meio a avenida, a alegria de estar viva
Em uma manhã qualquer de um dia qualquer
De cantar a amizade
De rolar com a amiga pelo chão
E só depois levantar preocupada
percebendo sua roupa suja
A roupa que ela mesma escolheu para brincar
Vai entender...
Ela sente falta de sacudir a poeira da roupa
E sente falta de quando a sujeira era só poeira que podia ser
Sacudida.
(agosto de 2020)

Com o grupo de pesquisadoras e pesquisadores de Campinas, palhaças e palhaços, fizemos alguns encontros durante a pandemia mediados pela tela para falar sobre dramaturgia - que seria a fase que nós estaríamos entrando se a pesquisa não tivesse sido interrompida. Imaginando inicialmente que voltaríamos às ruas em três meses. Depois que esse primeiro momento passou, pensei: preciso dar conta ao menos de escrever sobre o que a gente já fez. Já fizemos muita coisa.

Então a pergunta que eu me faço para a qualificação é: como concluir essa pesquisa caso a gente não consiga voltar para as ruas a tempo da finalização deste mestrado? Ao olhar as fotos das saídas a campo realizadas “batia” aquela saudade,

aquela nostalgia, de ver coisas simples e tão bobas que podíamos fazer: lamber a cara do outro, o sapato... Nostalgia de quando isso ainda podia ser só “eca” e não um risco mortal.

Se como pesquisadora eu não sei exatamente como prosseguir, com o “nariz vermelho” eu encontro algumas pistas desse “como”. Vendo outras palhaças e palhaços encontro pistas de como a gente pode buscar uma “aproximação” através dessa relação mediada, e não democrática das telas, buscando uma maneira que não seja uma experiência de apenas “ver”, para o espectador, mas que também possa abarcar o “ser visto”, através da câmera, deste frio “olho máquina”, que não se deixa ver. Uma dupla de palhaços de Campinas, Reginaceli Freire e Thiago Amador, estão realizando, desde o início da pandemia, uma performance artística interativa chamada “Toc Toc”. Através do *WhatsApp*, eles enviam uma mensagem dizendo “Toc-toc, posso entrar?” e em seguida fazem uma videochamada através do aplicativo, na qual a palhaça Felizbreca e o palhaço Amador interagem com a pessoa “visitada” e apresentam uma cena. Fiquei realmente tocada ao receber esta “visita” e vivenciar uma possibilidade de interação, na linguagem, nestes tempos de distanciamento.

Com o meu grupo de teatro, a TrupeZonaDeTeatro (Fábio Castilhos, Luzia Ainhoren e eu), fizemos algumas edições do JJJ, um jornal de palhaços, buscando falar um pouco da situação política atual, buscando lançar um pouco de humor em cima disso tudo. Com o NIC (Núcleo de Investigação *Clownesca*), que é o meu grupo de palhaças de Porto Alegre, que também integra a pesquisa, fizemos recentemente o PIC NIC Virtual. Adaptamos o PIC NIC, que é originalmente uma intervenção que realizávamos nas ruas, na qual buscávamos encontrar um bom lugar para fazer um piquenique. Dessa vez nós estávamos em uma sala virtual: dez palhaças e um público de mais ou menos vinte pessoas. Foi possível interagir de alguma maneira e sentirmo-nos, ainda que virtualmente, um pouco mais próximas das pessoas, ter algumas trocas, apoiar-se mutuamente, rir de coisas bobas e apresentar algumas pequenas cenas.

Ainda assim, nada substitui a relação presencial. Para finalizar minha fala vou ler o finalzinho de um poema que escrevi nos primeiros dias de 2019, quando estávamos entrando nesse governo - o que já me apavorava, ainda que não pudesse imaginar o que estaria por vir. Se chama “Canção para um nariz vermelho”:

Coloco o nariz vermelho pra pensar.
 (...)
 Em ti, encontro maneiras de ReExistir.
 (...)
 Nariz vermelho,
 tu que conhece tantas danças,
 que se reinventa há tanto tempo,
 que desafia a norma e a apatia
 com tua simples presença...
 Nariz vermelho,
 nesse novo ano, mais uma vez
 ensina-me a dançar.

Figura 11 – Giovanna Zottis pergunta para Luciana Mizutani.



Fonte: Print screen do vídeo, 2020.

GIOVANNA ZOTTIS - Como lidar com as narrativas das redes sociais que constantemente subvertem o contexto daquilo que é apresentado? Você encontra pistas de como a arte de guerrilha poderia usar isso a seu favor?

LUCIANA MIZUTANI - Meu nome é Luciana Mizutani, sou doutoranda pelo PPG Artes da Cena e orientanda do Prof. Dr. Renato Ferracini. Essa é uma excelente pergunta e fundamental para ser respondida para essas eleições que estão por vir.

Pelas narrativas criamos conexões entre acontecimentos, pelas narrativas aceitarmos uma interpretação de realidade. Na pós verdade em que vivemos – existem as muitas versões de verdade, e isso abre um espaço que é lindo, reconhecer o outro e perceber outras formas de ver o mundo. Mas isso também abre espaço para

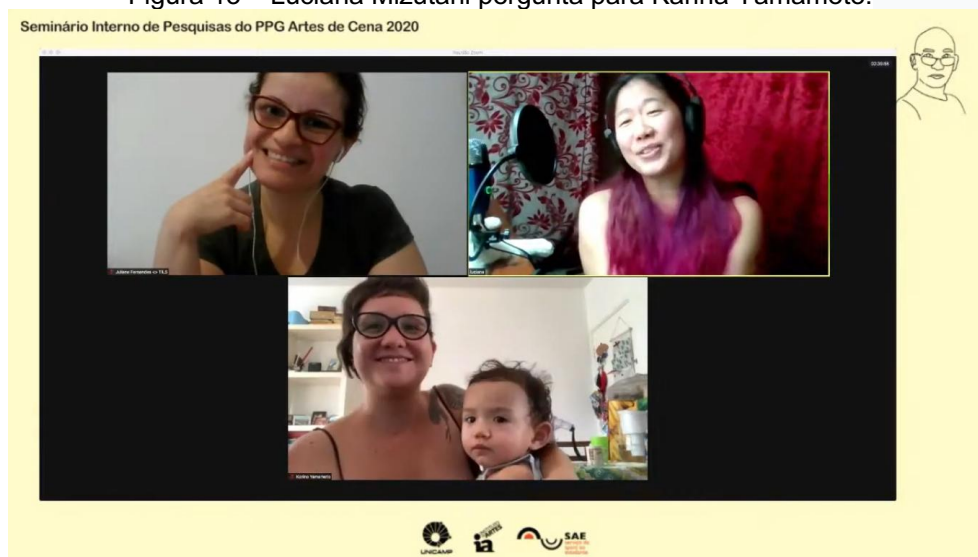
que surjam essas subversões... onde existe uma imposição de uma narrativa que distorce os fatos, que vai contra uma verdade que é factual (cria aberrações como dizer que zumbi escravizava, sem apresentar qualquer prova concreta), deturpações históricas que defendem que a ditadura de 64 foi o que salvou o Brasil do comunismo, que inventa um *kit gay* e mamadeiras de piroca, nós rimos, mas essas argumentações pesaram para neopentecostais na decisão do voto – com a finalidade clara de confundir, desacreditar e abalar a moral do “inimigo”. Os profissionais que lidam com o saber, professores, jornalistas, intelectuais, pesquisadores, historiadores e alguns artistas que queiram assumir essa função, são a linha de frente contra o obscurantismo, contra essa não verdade, que vai contra os fatos, que são narrativas propositalmente entortadas com finalidades escusas.

Procuo no meu doutorado expandir o termo ‘Arte de Guerrilha’ pra hoje (cunhado durante a ditadura de 64 – a arte de guerrilha que nomeava um grupo de artistas que tinham obras que além de políticas e combativas, transitavam no limiar da legalidade com ilegalidade – como serigrafar tutoriais de como fazer coquetel molotov nas garrafas retornáveis de coca cola ou deixar sacos amarrados com carne, ossos e espuma que remetiam diretamente à desova de corpos em plena ditadura.) (Cildo Meireles e Arthur Barrio)

Como artistas, podemos ou não assumir essa frente de informar as verdades, ou podemos assumir uma das táticas deles... confundir! E acho que nesse segundo caso, existem algumas ações que acredito serem uma versão atualizada da arte de guerrilha. Como, por exemplo, o que aconteceu com Ana Caroline Campagnolo, deputada estadual de Santa Catarina, do PSL, que pedia que alunos filmassem ideologias sendo ensinadas nas escolas – dentro da aberração chamada escola sem partido – onde os canais de denúncia foram ‘floodados’ com filmagens de escolas sucateadas, vídeos do gemidão do YouTube e por aí vai. Isso também aconteceu nos *rallys* do Donald Trump e nas manifestações do ‘*Black lives matter*’. Onde os fãs de *K-pop* reservaram muitos lugares ‘floppando’ um dos *rallys* do Trump e quando rolou o ‘anti – *black lives matter*’ – o ‘*blue lives matter*’, ‘*white lives matter*’ ou ‘*all lives matter*’ (vidas azuis policiais, brancas ou todas as vidas importam – eles mandavam massivamente vídeos de *famcams* (câmera de fã de seus ídolos) – que ‘flopparam’ essas postagens.

Acho que o que a arte de guerrilha me ensina no combate de narrativas é: como encontrar as brechas de sistemas injustos e explorá-lo e esgarçá-lo, ‘floppando’ essas narrativas. (fracassando)

Figura 13 – Luciana Mizutani pergunta para Karina Yamamoto.



Fonte: *Print screen* do vídeo, 2020.

LUCIANA MIZUTANI - Ka, eu sei que você está com um dos ritmos mais puxados de quarentena que existem... quarentena mãe de duas nenéns... Pensei em te perguntar sobre a sua pesquisa... mas pelo que temos conversado, você não tem conseguido caminhar muito com isso... pensei em perguntar sobre algo que tenha descoberto com elas, numa tentativa de grifar um micro trecho bom de um mundo em pandemia... mas me deparei com a possibilidade de que você talvez queira conversar sobre outra coisa, afinal, por mais que amemos, ficar em função de alguém o tempo todo é algo desgastante, esgotante... e no seu caso não é alguém, mas alguéns... então a minha pergunta é: Sobre o que Karina quer pensar/falar ou fazer?

KARINA YAMAMOTO - Se me perguntasse como já me perguntaram, de fato, sobre o andamento de minha pesquisa eu responderia como respondi: ela se arrasta. Não parou, mas desde o início da pandemia, quase não avançou.

Não consigo conciliar os afazeres domésticos – e digo afazeres porque em nosso modelo social isto não é considerado trabalho – com a criação dos filhos e o desenvolvimento da pesquisa. Isso porque estou afastada – sem remuneração – de meu trabalho como professora de uma universidade federal (se é que professora

trabalha...)). Não posso imaginar o que seria se caso esse afastamento fosse impossível financeiramente, nesse momento de pandemia.

Aqui falo sobre a jornada dupla, jornada tripla e que atualmente tem sido chamada de jornada contínua. Um estudo que começou com Silvia Federicci e seu desenvolvimento nos estudos feministas nos traz a questão da carga mental que atravessa várias mulheres, com ou sem filhos, e mais ainda sobre a carga mental que perpassa as mulheres negras, que, em geral, no nosso modelo social ainda cuidam de duas casas. Mas aqui vou me ater a minha realidade, na pandemia.

Falando rapidamente com algumas amigas nessa última semana, fiz um pequeno levantamento para termos noção do que ocorre, não apenas comigo, mas com 10 mulheres em situação próxima:

- Todas atrizes e professoras, envolvidas com pesquisa acadêmica;
- As que não tem filhos (5 delas) relatam que a busca por trabalho (que foi reduzido) ou as aulas remotas que precisam dar, tomam mais tempo que o trabalho pré-pandemia, logo a pesquisa desacelerou; dessas, duas ainda conseguiram voltar a cena – de forma remota – mas sem remuneração;
- 6 (das 10) trabalham no ensino privado. Todas tiveram corte de salário. 3 foram demitidas de ao menos uma das instituições.

Agora sobre as que são mães (5), todas tem ao menos um filho menor de 10 anos e entram para o índice da pesquisa publicada ontem pela *BBC News Brasil* em São Paulo, gentilmente enviada pela Babi Fontana e que me caiu como uma luva:

“As mães demitidas durante a pandemia: ‘Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego’”¹ 05/10/2020 - Paula Adamo Idoeta:

Os exemplos acima encontram respaldo nos números: embora a pandemia tenha provocado desemprego em massa e bagunçado arranjos profissionais de modo generalizado, as mulheres - e as mães de crianças pequenas, em especial - estão entre os grupos mais afetados, ao serem colocadas em situações-limite nas empresas ou por simplesmente não encontrarem formas de conciliar o trabalho com o cuidado com os filhos.

No segundo trimestre de 2020, o desemprego medido pela pesquisa Pnad Contínua, do IBGE, foi de 12% entre homens e 14,9% entre mulheres. A mesma pesquisa mostrou, em junho, que 7 milhões de mulheres haviam deixado o mercado de trabalho na última quinzena de março, contra 5 milhões de homens.

¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54329694>>. Acesso em 5 out. 2020.

E análises mais detalhadas dos dados históricos mostram um retrocesso de três décadas da presença profissional feminina, segundo o pesquisador do Ipea Marcos Hecksher.

(...) ele identificou que, durante a pandemia, a participação das mulheres no mercado de trabalho, que vinha aumentando gradativamente, voltou para o nível observado em 1990.

Só no subgrupo de mulheres com filhos de até dez anos, a participação delas no mercado caiu de 58,3% no segundo trimestre de 2019, para 50,6% no segundo trimestre de 2020. Na prática, só a metade delas, portanto, está no mercado profissional.

Dessas minhas 5 amigas com filhos, nesse momento da pandemia, apenas duas continuam no mercado profissional. As três que foram demitidas são mães.

Será que agora lhes sobra tempo para a pesquisa?

Eu realmente não sei o que será da minha pesquisa pós-pandemia, mas minha forma de pensar a academia, o ensino, e as artes vem desmoronando de suas certezas a cada dia de isolamento.

Acho que é sobre isso que eu queria falar...

Brasil, 18 de janeiro de 2021, 43ª semana, 209.847 mortes.

Bibliografia

IDOETA, Paula Adamo. *As mães demitidas durante a pandemia*: “Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54329694>>. Acesso em: 5 out. 2020.